

Sensibilização agroflorestal na reserva indígena Krahô: O Relato de uma experiência

Introduction of agroforestry concepts and practices at the Krahô's indigenous reservation: Description of an experience.

BUENO, Ynaiá Masse - EMBRAPA Transferência de Tecnologia , ynaia.bueno@embrapa.br;
ARMANDO, Márcio Silveira - EMBRAPA Transferência de Tecnologia , marcio.armando@embrapa.br;
SUGASTI, Juan Benjamin – UNB, juanagroeco@gmail.com .

Resumo: O povo indígena Krahô tem sua agricultura baseada no corte e queima da mata para o plantio de suas roças sobre as cinzas. A desestruturação de seu sistema de cultivo tradicional, o desgaste do solo e a fome sazonal exigem a utilização de práticas sustentáveis de produção de alimentos. Para incorporar essas tecnologias, metodologias participativas, dialógicas e construtivistas foram aplicadas para realizar a sensibilização agroflorestal. A troca de experiências e as vivências práticas em áreas agroflorestais de diferentes biomas proporcionaram a compreensão e a percepção das inter-relações entre os conhecimentos tradicionais e os princípios agroecológicos, incentivando esta etnia a diversificar suas roças com espécies nativas e árvores madeireiras, medicinais e frutíferas.

Palavras chave: povo indígena Krahô, agrofloresta, metodologias participativas

Abstract: The indigenous people Krahô have their agriculture based on cutting and burning the local vegetation to plant on the ashes. The deconstruction of their traditional planting system, impoverishment of the land and seasonal famine require the use of sustainable practices for food production. To understand these technologies, participative methodologies, dialogic and constructivist, were applied to introduce agroforestry concepts. Sharing experiences and the practices in agroforestry areas of different biomes brought in the comprehension and perception of the inter-action between traditional knowledge and agroecological principles, stimulating this ethnic group to diversify the fields by planting native species and trees for wood, medicine and fruit.

Key words: indigenous people Krahô, agroforestry, participative methodologies.

Introdução

O povo indígena Krahô, originalmente nômade, teve seu sistema milenar de convivência com os seus territórios alterada pelo contato inter-étnico. A base alimentar dessa etnia baseava-se na coleta de frutos silvestres, na caça, na pesca e na agricultura de subsistência. A pressão exercida pela expansão da agropecuária, no sul do Maranhão, levou esta etnia a migrar para o Tocantins. Na década de 40, após sofrerem um massacre dos fazendeiros locais, os Krahô tiveram uma reserva de 320.000 ha demarcada.

A demarcação do território e a instalação de infra-estrutura nas aldeias levaram a fixação dos grupos que compõem essa etnia e a substituição das roças biodiversas pelo cultivo mecanizado do arroz desestruturou seus sistemas de produção e ocasionou o surgimento da fome sazonal na reserva.

A agricultura praticada tradicionalmente pelos indígenas é baseada na derrubada e queima da mata para o plantio sobre as cinzas. Esse sistema produtivo ocasiona o desgaste do solo que suporta o cultivo por 2 a 4 anos, e depois é deixado em pousio para recuperar sua fertilidade. O contínuo desgaste dos solos próximos às aldeias fez com que as áreas cultivadas estivessem, em alguns casos, a doze quilômetros de distância das aldeias.

Em vista dessas considerações e como resultado de um trabalho de recuperação das sementes tradicionais realizadas em conjunto com a Embrapa, os Krahô demandaram fruteiras diversas para o enriquecimento de seus quintais. No entanto, considerando as peculiaridades socioculturais da etnia, buscou-se incentivar a transição de um sistema de produção baseado no fogo para um sistema de produção de base ecológica. Para isso, diversas ações de sensibilização agroflorestal foram realizadas pela empresa e por seus parceiros para incentivar a diversificação produtiva das roças Krahô.

Desenvolvimento

Os processos de sensibilização agroflorestal desenvolvidos em comunidades tradicionais precisam ser estruturados utilizando metodologias que sejam compatíveis com a cultura e a realidade local. Segundo FREIRE (1983), o desenvolvimento do aprendizado, num processo educativo, é determinado pelas ações mútuas entre os indivíduos e o ambiente. Quando se trabalha com povos indígenas é extremamente importante compreender e respeitar a visão de mundo da etnia, além de conhecer sua linguagem e/ou contar com agentes que possam facilitar a comunicação inter-étnica.

No contexto agroflorestal, é fundamental sensibilizá-los quanto à diversificação das roças, incluindo espécies do cerrado e sobre as desvantagens do uso fogo. Os educadores-educandos devem buscar transmitir não apenas técnicas, mas ajudar a despertar uma compreensão profunda sobre os princípios e conceitos que os levem a transformar sua realidade. De acordo com FREIRE (1983), o diálogo só é possível se o objeto gira em torno da vida diária das pessoas e não em torno de técnicas.

Trocas de experiências associadas a metodologias participativas, construtivistas e dialógicas foram utilizadas para sensibilizar os Krahô a introduzirem árvores em suas produções agrícolas. Momentos expositivos foram alternados com dinâmicas interativas, práticas de estimulação dedutiva e práticas de campo. Para desenvolver e internalizar os conceitos e princípios dos sistemas agroflorestais, foram utilizadas como ferramentas didáticas perguntas geradoras, elaboração de desenhos, leitura de contos e

histórias, teatro, flanelógrafos e músicas para tornar o momento de aprendizado lúdico, interativo e adequado à sua realidade.

No processo de sensibilização agroflorestal o educador possui o papel de despertar, fundamentar e disseminar os conhecimentos e as experiências existentes na comunidade, fazendo com que valorizem seus conhecimentos, sua cultura e suas técnicas.

Resultado e discussão

Para incentivar a introdução de árvores nas roças Krahô foram realizadas diversas ações de sensibilização agroflorestal. Primou-se por realizar a troca de experiências entre pesquisadores, multiplicadores indígenas, agricultores experimentadores e técnicos da ATER sobre os princípios da agroecologia e dos sistemas agroflorestais. Treinamentos e práticas de implantação e manejo de saf's foram realizados para que os indígenas acompanhassem o desenvolvimento do sistema. Apesar das roças dos índios Krahô serem biodiversas, houve uma resistência inicial de plantar árvores dentro da roça, pois segundo eles “quem planta o cerrado é Papã”, que em Krahô significa Deus. Outra atividade que não foi bem compreendida inicialmente foi a poda de árvores para incorporação de matéria orgânica no sistema e a não utilização do fogo.

Para que compreendessem a dinâmica da introdução de árvores nas roças foram realizadas ações de sensibilização agroflorestal com indígenas da escola agroambiental Catxêkwyj por meio da utilização das ferramentas da Mochila do Educador Agroflorestal desenvolvida pelo Projeto Arboreto, da Universidade Federal do Acre. A aplicação das dinâmicas – baseadas em histórias, músicas, vídeos, atividades práticas e lúdicas – facilitou o processo de aprendizagem sobre os princípios e conceitos agroflorestais. Nesse processo, observou-se a abrangência e a profundidade dos conhecimentos dos Krahô em torno de seus sistemas produtivos e de seu meio ambiente.

Uma estratégia fundamental no processo de sensibilização agroflorestal foi possibilitar que os indígenas conhecessem experiências práticas de agrofloresta. Neste sentido, foram realizadas visitas técnicas no sistema agroflorestal da Vitrine de Tecnologias da Embrapa, em Brasília e na Fazendinha Agroecológica, em Seropédica, Rio de Janeiro. Esses intercâmbios foram enriquecidos pela troca de experiências com

agricultores em diferentes biomas e por práticas de implantação e manejo de agroflorestas.

Como resultado dessas ações de sensibilização, percebe-se uma transformação no desenho dos sistemas produtivos dos indígenas que vivenciaram o processo de sensibilização. Além de realizarem suas experiências em suas roças os indígenas já estão expandindo seus conhecimentos para sua aldeia. Um exemplo foi a demanda da Aldeia Pedra Branca pelo plantio de agrofloresta ao redor de toda sua aldeia.

Esse resultado demonstra que a internalização dos conhecimentos e o processo de mudanças nas ações junto aos povos indígenas é lento e gradual. No entanto, a utilização de ferramentas e metodologias apropriadas possibilita que os próprios indígenas criem soluções adequadas à sua realidade a partir da inter-relação entre seus conhecimentos tradicionais e os princípios agroecológicos.

A introdução de novas técnicas e sistemas produtivos junto aos povos indígenas deve ser criteriosa para que não resulte em um choque intercultural que leve ao descrédito das tecnologias. Essa introdução deve ser gradual e contínua, sendo importante realizar as ações com indígenas que tenham afinidade com a proposta e que estejam dispostos a disseminar os novos conhecimentos em sua comunidade.

Literatura citada

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? Coleção “o mundo hoje” vol 24. Rio de Janeiro/RJ: Paz e terra, 1983, 93P.